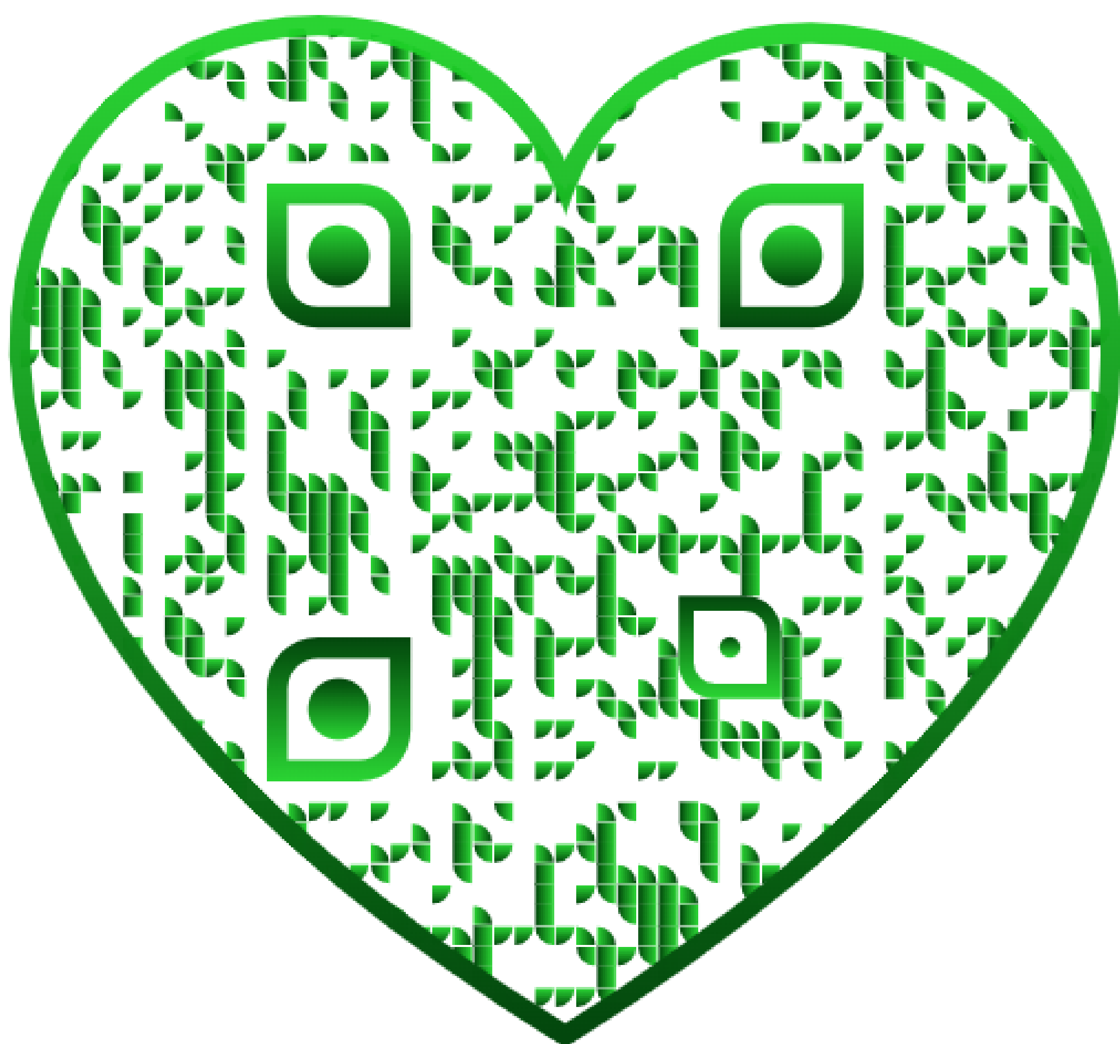
НОВАЯ АНТОЛОГИЯ РУССКОГО РАССКАЗА

Ievguêni
Zamiátin

A Caverna

Tradução de
Mário Ramos

editora 34



НОВАЯ АНТОЛОГИЯ РУССКОГО РАССКАЗА

Ievguêni Zamiátin

A Caverna

Tradução de
Mário Ramos

editora 34

16	3	2	13
5	10	11	8
9	6	7	12
4	15	14	1

Ievguêni Zamiátin

A CAVERNA

Tradução de Mário Ramos

editora 34

Ievguêni Zamiátin

Autor de contos, novelas, romances, peças e crítica literária, Ievguêni Ivânovitch Zamiátin (1884-1937) tornou-se famoso mundialmente pelo seu romance distópico *Nós*, publicado inicialmente em inglês, em 1924. Seus ensaios e palestras sobre a literatura russa são fundamentais para um entendimento da posição da arte na cultura pós-revolucionária. Em sua defesa da ambiguidade, Zamiátin foi vital para grupos artísticos como o Irmãos Serapião. Ele dizia que a arte deve ser feita por "loucos, hereges, visionários", postura que lhe valeu ataques contínuos de setores proletários e da ortodoxia partidária, e que conduziu por fim a seu exílio. Como boa parte dos artistas do período, Zamiátin jogou em sua ficção com a justaposição de tempos históricos distintos, analogias primitivistas e um tom geral apocalíptico, tudo isso vazado em uma linguagem experimental repleta de metáforas e imagens de choque. "A caverna" (1920), um de seus melhores contos, publicado na ressaca da devastadora experiência da guerra civil, presta tributo ao *topos* da Petrogrado arruinada. Escrito em 1920, foi publicado pela primeira vez na revista *Zapiski Metchtátelei* (Notas de Sonhadores), número 5, em Moscou, em 1922. No mesmo ano foi republicado na revista *Gólos Rossii* (A Voz da Rússia), de Berlim, e, dois anos depois, na *Literatúrnaia Rossiia* (Rússia Literária), de Moscou. (Nota de Bruno Barretto Gomide)

A caverna

Geleiras, mamutes, desertos. Negros penhascos noturnos, semelhantes a prédios. Nos penhascos, cavernas. Ninguém sabe quem trombeteia, à noite, no desfiladeiro de pedra entre esses penhascos e, farejando o caminho, ergue uma branca poeira de neve: talvez, um mamute de tromba cinzenta... talvez, o vento. Ou talvez o próprio vento seja o rugido gelado de algum mamute mamutesco. Uma coisa é certa: é inverno. E é preciso apertar com mais força os dentes para que eles não batam; é preciso rachar a madeira com um machado de pedra; é preciso a cada noite levar tochas de caverna em caverna, a uma profundidade cada vez maior; é preciso, acima de tudo, enfiar-se em peles felpudas de animais.

No lugar onde há séculos ficava São Petersburgo, um mamute de tromba cinzenta vagava pela noite, entre os penhascos. E os trogloditas, enrolados em peles, em casacos, em cobertores, em farrapos, recuavam de caverna em caverna. No dia de Nossa Senhora,[1] Martin Martínitch e Macha[2] lacraram o gabinete; no dia de Nossa Senhora de Kazan,[3] abandonaram a cozinha e alojaram-se no quarto. Dali não havia mais para onde fugir: era suportar o cerco ou morrer.

O quarto da caverna de São Petersburgo era como uma nova Arca de Noé, com criaturas puras e impuras amontoadas diluvianamente. Uma escrivaninha de madeira vermelha, livros, moldes de barro da idade da pedra, a *opus* 74 de Skriábin,[4] um ferro de passar, cinco batatas lavadas com cuidado até ficarem brancas, grades niqueladas de camas, um machado, um roupeiro, lenha. E, no centro deste universo, um deus de pernas curtas, de um ruivo oxidado, atarracado, o ávido deus da caverna: uma lareira de ferro.

O deus zumbia, poderoso. O grandioso milagre do fogo na caverna escura. Os humanos, Martin Martínitch e Macha, em silêncio e com gratidão, erguiam as mãos para ele em reverência. Por uma hora somente, foi primavera na caverna. Por uma hora, puseram de lado as peles de animais, as garras, as presas, e da crosta congelada do cérebro irromperam os talinhos verdes dos pensamentos.

— Mart,[5] mas você esqueceu que justo amanhã... Claro, já vi tudo, você esqueceu!

Em outubro, quando as folhas já desbotaram, definharam, murcharam, às vezes há dias de olhos azuis. Em dias assim, inclina-se a cabeça para trás para não ver a terra e quase dá para acreditar que ainda existe alegria, que ainda é verão. Acontece assim também com Macha: se fechamos os olhos e só a ouvimos, dá para acreditar que ela é a Macha de antes, que ela vai começar a sorrir, vai se levantar da cama, dar um abraço. E crer que essa voz de faca roçando o vidro que ouvi há uma hora não era a dela, de jeito nenhum, não era ela...

— Ah, Mart, Mart! Como andam as coisas... Antes você não costumava esquecer. Dia vinte e nove: dia de Santa Maria, o meu aniversário...

O deus de ferro ainda zumbia. Como sempre, não havia luz. Ela só chegava depois das dez horas. As arcadas escuras e irregulares da caverna tremulavam. Martin Martínitch, de cócoras, enrodilhado, era um nó apertado, cada vez mais apertado! Com a cabeça inclinada para trás, ainda olhava para o céu de outubro para não ver os lábios murchos, amarelentos. E Macha:

— Sabe, Mart, e se amanhã começarmos a acender o forno desde cedo, para que ele fique o dia todo como agora, hein? Bem... quanto nós temos? Será que temos mais meia braça no gabinete?

Fazia já muito, muito tempo que Macha não tinha condições de chegar sozinha ao gabinete glacial, nem sabia quanto... o nó apertado, cada vez mais apertado!

— Meia braça? Tem mais! Eu acho que deve ter...

De repente, a luz: às dez em ponto. Estremecendo, Martin Martínitch apertou os olhos, desenrodilhou-se: era mais difícil à luz do que sob a escuridão. À luz se via com clareza: seu rosto estava enrugado, argiloso, e muitos agora tinham os rostos argilosos, de volta a Adão! E Macha:

— Sabe, Mart, talvez eu tente me levantar... se você acender a lareira desde cedo.

— Bem, Macha, é claro... num dia como este... com certeza, desde cedo.

O deus da caverna acalmava-se, encolhia-se, sossegado, estalando um pouco. Ouve-se abaixo, nos Obiértichev, estilhaçarem as toras de uma canoa com um machado de pedra. Com um machado de pedra, picam Martin

Martínitch em pedaços. Um pedaço de barro de Martin Martínitch sorriu para Macha e moeu no moedor de café uma casca ressecada de batata para a torta. Outro pedaço de Martin Martínitch, como um pássaro que vem de fora e entra num quarto, lançou-se cego e estúpido contra o teto, as vidraças, as paredes: “Onde está a lenha? Onde está? Onde?”.

Martin Martínitch vestiu o casaco, passou sobre ele um cinturão de couro (nas cavernas, as pessoas creem no mito de que isto aquece mais), fez um estrondo com o balde, no canto do guarda-roupa.

— Aonde você vai, Mart?

— Eu já volto. Vou buscar água lá embaixo.

Na escada escura e congelada pelas águas derramadas, Martin Martínitch se deteve, tremeu e suspirou. Fazendo o balde ressoar como se fossem grilhões, desceu aos Obiértichev. Eles ainda tinham água. O próprio Obiértichev abriu a porta, com um casaco cingido por uma corda, o rosto há muito sem barbear — terreno baldio coberto de lado a lado por um capim vermelho e empoeirado. Em meio ao capim, dentes amarelos de pedra. Entre essas pedras, o sorriso: cauda fugidia de um lagarto.

— Ah, Martin Martínitch! Então, veio buscar uma aguinha? Às ordens, às ordens, às ordens.

Na jaula estreita, entre a porta externa e a interna, era impossível girar o corpo carregando um balde. Nesta jaula está a lenha dos Obiértichev. O argiloso Martin Martínitch bate as costelas dolorosamente contra a lenha e em seu barro surge uma fenda profunda. E outra ainda mais profunda, na escuridão do corredor, contra a quina da cômoda. Atravessa a sala de jantar. Nela estão a fêmea de Obiértichev e seus três obiértichevinhos. A fêmea esconde rapidamente a tigela sob um guardanapo: Deus sabe se o homem que veio da outra caverna não vai, de repente, se atirar sobre ela para apanhar a comida.

Na cozinha, abrindo a torneira, Obiértichev sorriu com seus *pedrentes*:

— Então, diga lá, como está sua esposa? Como está? Como está?

— Nem fale, Aleksei Ivánitch, do mesmo jeito, mal. E logo amanhã, que é seu aniversário, eu não tenho com que acender o fogo.

— Você pode acender, Martin Martínitch, com cadeirinhas, armariozinhos... Livros também: livros queimam muito bem, muito, muito bem...

— Como você sabe, toda a mobília que está lá, tudo é do dono, menos o piano...

— Ai, ai, ai... Triste, triste!

Na cozinha ouve-se o pássaro perdido, que começa a voar e fazer barulho com as asas, revoando de um lado para o outro. De repente, num arranque desesperado, lança-se de peito à parede:

— Aleksei Ivánitch, eu queria... Aleksei Ivánitch, seria muito incômodo pedir a você umas cinco ou seis achas...

Os dentes de pedra amarelentos surgem entre o capim. Dentes amarelos saem dos olhos. Obiértichev cobriu-se inteiro de dentes, todos ficando muito compridos.

— Como assim, Martin Martínitch, como assim, como assim? Nem para nós temos... Você mesmo sabe como as coisas andam agora... você sabe, você sabe...

O nó aperta mais! Mais, aperta ainda mais! Martin Martínitch dobrou-se, ergueu o balde e passou pela cozinha, pelo corredor escuro, pela sala de jantar. No umbral da sala de jantar, Obiértichev ofereceu repentinamente a escorregadia e ágil mão lagartixesca:

— Então, é tudo... Martin Martínitch, só não esqueça de bater a porta, não esqueça. As duas portas, as duas, as duas. Senão não há quem se aqueça!

No patamar gelado e escuro, Martin Martínitch pousou o balde, voltou-se e deu uma pancada forte na primeira porta. Escutou atentamente e ouviu apenas o tremor seco de seus próprios ossos e sua respiração palpitante, pontilhada e entrecortada. Na estreita jaula entre as duas portas estendeu a mão e apalpou: uma acha, e mais uma... mais outra... Não! Depressa lançou-se ao patamar e encostou a porta. Agora era preciso apenas bater com um pouco de força para a fechadura trancar...

Mas não havia mais força. Não havia força para o amanhã de Macha. Na linha tenuemente traçada por sua respiração pontilhada, engalfinharam-se mortalmente dois Martin Martínitch: o antigo, que ouvia Skriábin, e que sabia que é errado; e o novo, o da caverna, que sabia que é preciso. O da caverna, rangendo os dentes, esmagou, estrangulou Martin Martínitch e, lascando as unhas, abriu a porta e lançou a mão à lenha... uma acha, a quarta, a quinta, sob o casaco, sob o cinturão, no balde. Bateu a porta com força e subiu com passos imensos e ferozes. De repente, parou no meio da escada sobre um degrau gelado e colou as costas na parede fria, fundindo-se a ela. Embaixo,

soou novamente a porta. E a voz poeirenta de Obiértichev:

— Quem é? Quem está aí? Quem?

— Sou eu, Aleksei Ivánitch. Eu... eu esqueci de fechar a porta... eu queria... eu voltei, queria fechar melhor.

— Você? Hum... mas como você pôde fazer isso? Tem que ter cuidado, tem que ter cuidado. Hoje em dia roubam tudo. Você mesmo sabe. Você sabe. Como pôde fazer isto?

Dia vinte e nove. Desde cedo este céu de algodão, baixo, com rasgos por onde desliza o gelo. Mas o deus da caverna tinha enchido a pança desde cedo e começou a zumbir, benevolente. E pouco importam os rasgos, pouco importa se um Obiértichev coberto de dentes conta agora suas achas, pouco importa, tanto faz. O que há é o hoje. Não se sabe o que é o amanhã na caverna. Somente daqui a um século vão saber o que será o amanhã, o depois de amanhã.

Macha levantou-se e, cambaleando com um vento invisível, penteou-se como antigamente: dividiu o cabelo no meio, jogou sobre as orelhas. E era como uma última folha murcha caindo de uma árvore nua. Da gaveta do meio da escrivaninha, Martin Martínitch retirou papéis, cartas, um termômetro, um certo frasquinho azul (rapidamente meteu-o de volta, para que Macha não visse) e, por fim, do canto mais profundo, uma caixinha preta laqueada. Lá no fundo dela ainda havia, sim, sim! O verdadeiro, o mais verdadeiro dos chás! Beberam chá de verdade. Martin Martínitch, jogando para trás a cabeça, ouviu aquela voz, muito parecida à de antigamente:

— Mart, você se lembra do meu quarto azulzinho e o piano com uma capa por cima...? e sobre o piano, um cavalinho de madeira e um cinzeiro. Eu tocava e você vinha chegando perto de mim, por trás...

Sim, naquela mesma noite foi criado o universo e a assombrosa e perspicaz face da lua. E o som da campainha no corredor era um gorjeio de pardal.

— Você se lembra, Mart? A janela aberta, o céu verde e, lá de baixo, de um outro mundo, um tocador de realejo?

Tocador de realejo, milagroso tocador, onde está você?

— E à margem do rio... Lembra? Os ramos ainda nus, a água rosada, e passa flutuando um bloco de gelo azul, como um caixão. E o caixão nos fez rir, porque, afinal de contas, nós nunca morreríamos. Lembra?

Embaixo, começaram a rachar lenha com o machado de pedra. De

repente, pararam. Houve uma correria, um grito. Martin Martínitch, rachado ao meio, com uma de suas metades viu o imortal tocador de realejo, o imortal cavalinho de madeira, o imortal bloco de gelo; mas a outra metade, de respiração pontilhada, contava com Obiértichev as achas de lenha. Obiértichev terminou a conta, agora já vestia casaco e, todo coberto de dentes, golpeava ferozmente a porta e...

— Um momento, Macha. Parece que estão batendo aqui.

Não. Ninguém. Por enquanto, ninguém. Ainda dá para respirar, ainda dá para jogar a cabeça para trás e ouvir aquela voz, parecida com a voz de antigamente.

Crepúsculo. O vinte e nove de outubro envelheceu. Os olhos de velha estão fixos, embaçados, e tudo se encolhe, se enruga, se acorcova sob esse olhar fixo. A abóbada do teto desce, achatam-se as poltronas, a escrivaninha, Martin Martínitch, a cama e, sobre a cama, totalmente plana, uma Macha de papel.

No crepúsculo, chegou Selikhov, o chefe da casa. No passado, ele chegara a pesar mais de cem quilos. Agora, já esvaziado pela metade, agita-se na casca da jaqueta como uma noz num chocalho. Porém, sua risada ainda troa como antigamente.

— Pois bem, Martin Martínitch, em primeiro e em segundo lugar, feliz aniversário a sua esposa. Então, então! Obiértichev me contou...

Martin Martínitch disparou de sua poltrona, precipitando-se, e apressou-se a falar, falar qualquer coisa...

— Um chá? Agora mesmo, num minutinho... Hoje nós temos um de verdade, entende? De verdade! Eu vou agora mesmo...

— Chá? Sabe, eu preferiria mesmo champanhe. Não tem? Mas como não! Ha-ha-ha! Sabe, uns dias atrás eu e um amigo entornamos um Hoffmann! Que diversão! Ele se lambia e dizia: “Eu sou Zinóviev...[6] de joelhos!”. Que diversão! E de lá estou eu voltando pra casa, quando no campo de Marte vem em minha direção uma pessoa só de colete, juro por deus! “Que há com você?”, digo. “Nada de mais — ele diz... — Tiraram a minha roupa agora há pouco, vou correndo pra casa, em Vassílievski. Que diversão!”

Achatada na cama, a Macha de papel ria-se. Todo tensionado num nó, mais ruidoso ainda do que todos ria-se Martin Martínitch, para jogar lenha em Selikhov, somente para que ele não parasse, somente para que não

parasse, para que contasse mais qualquer coisa...

Mas Selikhov já parava, resfolegando um pouco, mais sossegado. Chacoalhava-se na casca da jaqueta para um lado e para o outro. Levantou-se.

— Bem, aniversariante, dê-me suas mãos! Thoc! Como, vocês não sabiam que se fala assim? Tenho a honra de cumprimentá-lo: t.h.o.c.! Que diversão!

Seu riso troou no corredor, na antessala. Mais um segundo, agora vai sair, ou...

O chão oscilava um pouquinho, girava sob os pés de Martin Martínitch. Com um sorriso argiloso, apoiava-se no umbral. Selikhov resfolegava, enfiando os pés numas botas enormes.

Já de botas, de casaco de peles, mamutecido, endireitou-se, tomou fôlego. Depois, silenciosamente, tomou Martin Martínitch pelo braço e, ainda calado, abriu a porta para o gabinete glacial. Em silêncio, sentou-se no sofá.

O chão no gabinete é um bloco de gelo, um bloco de gelo que com um ruído quase imperceptível desprendeu-se da margem, flutuou, flutuou, girando e levando consigo Martin Martínitch. E de lá do sofá, lá da margem distante, quase não podia ouvir Selikhov.

— Em primeiro e em segundo lugar, meu senhor, é preciso dizer isto a você: esse Obiértichev, esse piolho, eu juro que eu... Veja bem: se ele oficialmente declara, se diz "amanhã eu vou ao tribunal"... É um piolho! Eu posso dar somente este conselho: vá hoje mesmo, agora mesmo falar com ele, e tape a goela dele com estas tais achas de lenha.

O bloco de gelo flutua ainda mais rápido. Minúsculo, achatado, quase invisível, assim... uma lasquinha, Martin Martínitch respondeu muito mais para si mesmo e não falando sobre a lenha... a lenha, qual! Não, falando sobre outra coisa:

— Está certo. Hoje mesmo. Agora mesmo.

— Assim está perfeito, está perfeito! Aquilo é um piolho, um piolho, eu digo a você...

Ainda estava escuro na caverna. Argiloso, frio, cego, Martin Martínitch trombava torpe contra a torrente de tranqueiras atravancadas na gruta. Estremeceu com aquela voz semelhante à da Macha de antigamente...

— Sobre o que você falava com Selikhov? O quê? Formulários de alimentação? Mart, eu estava aqui deitada e pensava em tomar coragem, juntar tudo e partir para onde haja sol... Ah, como você berra! Você faz de

propósito! Você bem sabe que eu não posso suportar isto, não posso, não posso!

Uma faca sobre o vidro. Aliás, agora tanto faz. As pernas e os braços são mecânicos. Para levantá-los e abaixá-los é necessário usar correntes, roldanas, como nos mastros de navio. Para girar a roldana, um homem não basta: precisa-se de três. Usando suas forças para estender essas correntes, Martin Martínitch colocou para esquentar a chaleira, uma panelinha, e meteu no fogo as últimas achas de Obiértichev.

— Você está ouvindo o que eu lhe digo? Por que não fala? Está me ouvindo?

Esta certamente não é a Macha, não, não é a sua voz. Martin Martínitch se movia muito lentamente, as pernas presas em areia movediça. Girar a roldana era cada vez mais difícil. De repente, a corrente desprendeu-se de uma polia e a mão-guindaste desmoronou para baixo, chocou-se absurdamente contra a chaleira, a panelinha. Num estrondo, tudo foi ao chão e o deus da caverna silvou como uma cobra. Lá de longe, da margem distante, da cama, veio uma voz estranha, estridente:

— Você fez de propósito! Fora! Eu não preciso de ninguém, de nada, de nada, não preciso! Vá embora!

O vinte e nove de outubro morreu e estavam mortos o imortal tocador de realejo, o bloco de gelo sobre a água avermelhada pelo poente, Macha. Melhor assim. Era preciso que não houvesse um amanhã inverossímil, nem Obiértichev, nem Selikhov, nem Macha com seu Martin Martínitch. Que morresse tudo.

Mecânico, distante, Martin Martínitch ainda fazia alguma coisa. Talvez estivesse acendendo novamente o fogão e recolhendo do chão a panelinha, talvez colocando a chaleira para ferver. Macha diria qualquer coisa que ele nem ouviria. Havia apenas as inexpressivas e dolorosas cavidades no barro feitas por aquelas palavras, pelas quinas do guarda-roupa, da escrivaninha.

Martin Martínitch lentamente tirou da escrivaninha um feixe de cartas, um termômetro, um lacre para cartas, a caixinha com chá e mais cartas. Por fim, de algum lugar lá no fundo, o frasquinho azul-escuro.

Às dez, ligaram a luz. Nua, áspera, simples e fria como a vida e a morte na caverna: a luz elétrica. E o frasquinho azul-escuro, tão simples, ao lado do ferro de passar, da *opus* 74, dos moldes de barro. O deus de ferro

começou a zumbir com benevolência, devorando o papel das cartas, o pergaminho amarelo, azulado, branco. De mansinho, a chaleira fazia notar sua própria presença, com um estalo da tampa. Macha se voltou:

— Ferveu o chá? Mart, querido, dê para mim.

Então ela viu. Num instante atravessado de ponta a ponta pela claridade da luz elétrica nua e áspera, viu Martin Martínitch agachado diante da lareira. Sobre as cartas, um reflexo avermelhado como a água sob o poente. Mais além, o frasquinho azul.

— Mart! Você... você quer...

Silencioso, o deus de ferro ronronava discretamente, devorando as palavras imortais, amargas, ternas, amarelas, brancas, azuis. E Macha, com a mesma simplicidade com que havia pedido o chá:

— Mart, querido! Mart, dê-me isto!

Martin Martínitch sorriu de longe:

— Você sabe, Macha. Só dá para um de nós.

— Mart, de qualquer modo, já não resta nada de mim. Isto que está aqui não sou mais eu. Na verdade, tanto faz, eu logo... Mart, você não entende? Mart, tenha dó de mim... Mart!

Ah, aquela mesma, a mesma voz... Talvez se voltasse a cabeça para trás...

— Macha, eu enganei você. Nós não temos no gabinete sequer uma acha de lenha. E eu fui ao Obiértichev e lá, na antessala... Eu roubei, você entende? E Selikhov me disse que... Eu devia levar agora de volta, mas eu queimei tudo, eu queimei tudo, tudo! E eu lá sei de lenha agora! Qual lenha! Você me entende?

O deus de ferro cochilava, indiferente. Exaurindo-se, tremulavam as abóbadas da caverna, e também tremulavam a casa, os penhascos, os mamutes, Macha.

— Mart, se você ainda me ama... Bem, Mart, lembre-se! Mart, querido, dê-me!

Imortais os patins de madeira, o tocador de realejo, o bloco de gelo. E esta voz... Martin Martínitch lentamente ergueu-se sobre os joelhos. Lentamente, movendo a grua com dificuldade, pegou da mesa o frasquinho azul e entregou a Macha.

Ela tirou a coberta, sentou-se na cama, rosada, rápida, imortal como a água sob o poente, agarrou o frasco e pôs-se a rir.

— Está vendo: não foi em vão que eu fiquei deitada pensando em ir embora daqui. Acenda ali a lâmpada, aquela, sobre a mesa. Assim. Agora jogue mais alguma coisa na lareira. Eu quero fogo...

Martin Martínitch, sem olhar, pegou alguns papéis da mesa e lançou na lareira.

— Agora... Vá passear um pouquinho. Lá fora já deve ter saído a lua, a minha lua, você se lembra? Não se esqueça de pegar a chave. Bata a porta com força e, para abrir...

Não, lá fora não havia lua. Na abóbada, nuvens baixas, escuras, fechadas. Depois somente a imensa e silenciosa caverna. Estreitas e intermináveis as passagens entre as paredes e penhascos gelados, escuros como um prédio. Nos penhascos, profundos buracos de luz púrpura. Lá, nos buracos, junto ao fogo, estão as pessoas acocoradas. Uma breve corrente de ar, leve e gelada, sopra por debaixo das pernas um pó branco. E ninguém consegue ouvir, no meio do pó branco, nos blocos, nas cavernas, entre as pessoas de cócoras, a enorme e regular passada de um certo mamute mamutesco.

(1920)

As notas dos tradutores fecham com (N. do T.) ou (N. da T.); as das edições russas, com (N. da E.) e as dos autores, com (N. do A.).

---

1 Literalmente, em russo, “dia da proteção da Mãe de Deus”: uma das festividades religiosas mais importantes da Igreja Ortodoxa Russa, identificada apenas pela palavra *pokróv* (“proteção”). A data é comemorada no dia 1º de outubro pelo antigo calendário da Igreja Ortodoxa (dia 14 de outubro no calendário atual). (N. do T.)

2 Diminutivo de Maria. (N. do T.)

3 A Nossa Senhora de Kazan (ou Mãe de Deus de Kazan) é um ícone religioso, desaparecido durante o período soviético, na Rússia. A festa em sua homenagem é comemorada no dia 4 de novembro pelo calendário atual. (N. do T.)

4 Aleksándr Nikoláievitch Skriábin (1872-1915), compositor e pianista russo. Em seu romantismo tardio, foi influenciado principalmente por Chopin e Wagner e pela filosofia de Friedrich Nietzsche. Era também

fortemente influenciado pela teosofia e por teorias místicas. (N. do T.)

5 *Mart* funciona, aqui, como diminutivo de Martin. Apesar das diversas possibilidades de construções de diminutivos para nomes em russo, *Mart* não é uma forma reconhecida. A palavra representa literalmente "março", em língua russa. (N. do T.)

6 Referência a Grigori Zinóviev (1883-1936), revolucionário bolchevique ucraniano que, após a morte de Lenin, participou da cúpula de poder na União Soviética junto a Iossif Stálin e Liév Kámenev. Condenado à prisão, foi executado durante os expurgos stalinistas da década de 30. (N. do T.)

Sobre o tradutor

Mário Ramos graduou-se em russo pela Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo e defendeu mestrado e doutorado, ambos sobre a poesia de Velimir Khliébnikov, na área de Literatura e Cultura Russa da mesma universidade. Atuou como professor-leitor do Brasil na Universidade Estatal de Moscou, entre 2005 e 2009, e desde 2010 leciona Literatura Russa na USP. Além de artigos e poemas, traduziu a peça *À saída do teatro...*, de Nikolai Gógol, com Arlete Cavaliere (Paz e Terra, 2002).

Este conto integra a *Nova antologia do conto russo (1792-1998)*, que tem organização, apresentação e notas de Bruno Barretto Gomide, traduções de Arlete Cavaliere, Aurora Fornoni Bernardini, Boris Schnaiderman, Cecília Rosas, Daniela Mountian, Denise Sales, Fátima Bianchi, Graziela Schneider, Lucas Simone, Mário Ramos, Moissei Mountian, Natalia Marcelli de Carvalho, Nivaldo dos Santos, Noé Silva e Yulia Mikaelyan, e traz quarenta contos de quarenta autores (São Paulo, Editora 34, 2011, 648 p.).

Uma seleção de vinte contos desta antologia pode ser adquirida, individualmente ou em conjunto (*Nova antologia do conto russo: uma seleção*), em formato digital. O conto "Insolação", de Ivan Búnin, está sendo disponibilizado gratuitamente.

Título original: "Peschera", em *Ízbrannie Proizvediénia*, Moscou, MID Siniérguia, 1997.
Copyright © Editora 34 Ltda., 2011
Capa, projeto gráfico e editoração eletrônica: Bracher & Malta Produção Gráfica
Revisão: Cide Piquet, Lucas Simone e Isabel Junqueira
Editora 34 Ltda.
Rua Hungria, 592 Jardim Europa CEP 01455-000
São Paulo - SP Brasil Tel/Fax (11) 3816-6777
www.editora34.com.br   ebook@editora34.com.br